



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

Bombardeios dividem Congresso americano

» PALOMA OLIVETO

O ataque deflagrado pelos Estados Unidos e seu parceiro Israel ao Irã, sem consulta ao Congresso, explicitou a divisão entre políticos norte-americanos sobre os poderes de guerra do presidente. Democratas e até alguns parlamentares republicanos defendem a votação urgente de uma resolução que limita a atuação bélica de Donald Trump se não houver autorização explícita do Congresso.

A ação militar no Irã ocorreu às vésperas do início das primárias no país, quando os eleitores escolherão os candidatos que disputarão as vagas na Câmara dos Representantes e no Senado nas eleições gerais de novembro. Embora a maioria dos congressistas republicanos tenha apoiado os bombardeios, Thomas Massie, do partido do presidente, criticou o ataque. “Eu me oponho a essa guerra. Isso não é ‘Estados Unidos primeiro’”, escreveu Massie, no X, em referência a um dos lemas de Trump. “A Constituição exige uma votação, e seu representante precisa se posicionar publicamente, seja a favor ou contra essa guerra.”

O democrata Jack Reed, principal membro do partido na Comissão de Forças Armadas no Senado, ressaltou que, além de não ter a aprovação do Congresso, Trump colocou o país “em uma guerra sem ter nenhum plano quanto ao seu desfecho”. “Os norte-americanos não querem outra guerra custosa e interminável no Oriente Médio quando há tantos problemas em casa”, declarou o líder da minoria, senador Chuck Schumer, democrata de Nova York.

A Resolução sobre Poderes de Guerra foi apresentada, pela segunda vez, em 8 de janeiro deste ano, pelos deputados Jim McGovern (democrata de Massachussets), Thomas Massie (republicano de Kentucky) e Joaquin Castro (democrata do Texas), que buscavam evitar qualquer novo ataque dos Estados Unidos à Venezuela. A medida foi proposta logo após a incursão militar dos EUA que terminou com a deposição e prisão de Nicolás Maduro. No fim de 2025, a medida foi rejeitada no Congresso por apenas dois votos.

Quando os rumores de ataque norte-americano ao Irã se intensificaram, com o envio de muitas unidades da Marinha, do Exército e da Força Aérea, os congressistas anunciaram que a resolução seria votada na próxima semana. Não deu tempo. Trump ordenou a ação contra o regime dos aiatolás nesse sábado.

“Conta do açougueiro”

O republicano Mike Johnson, presidente da Câmara dos Representantes, divulgou um comunicado no X aplaudindo a ação bélica.

Reprodução vídeo/X



Trump, ao anunciar ataque coordenado com Israel contra o Irã, ontem (28/2): presidente não pediu autorização ao Congresso antes de ordenar a ação militar



Isso não é ‘EUA primeiro’. (...) A Constituição exige uma votação, e seu representante precisa se posicionar publicamente, seja a favor ou contra essa guerra”

Thomas Massie, deputado republicano de Kentucky



Os norte-americanos não querem outra guerra custosa e interminável no Oriente Médio quando há tantos problemas em casa”

Chuck Schumer, senador democrata de Nova York

“Hoje (ontem) o Irã enfrenta as graves consequências de seus atos funestos”, escreveu. Tom Cotton, presidente do Subcomitê de Inteligência do Senado, também se manifestou a favor do ataque. “O Irã travou uma guerra contra os Estados Unidos durante 47 anos (...). A conta do açougueiro finalmente chegou para os aiatolás”, disse.

Para Katherine Thompson, pesquisadora do Instituto Cato,

organização de análise política em Washington, a autorização do uso da força militar ofensiva contra o Irã por Donald Trump “representa um claro e flagrante abuso do Poder Executivo”. A especialista destaca que, segundo a Constituição, cabe ao Congresso autorizar a entrada dos Estados Unidos em uma guerra, e a ação de ontem direciona o país a esse caminho.

“A decisão do presidente coloca as forças e bases norte-americanas

na região na mira de uma retaliação”, argumenta Thompson. “A guerra não é abstrata. Ela custa vidas e recursos americanos. Os Fundadores atribuíram ao Congresso o poder de iniciá-la precisamente para garantir que esses custos sejam enfrentados e debatidos antes que o país entre em guerra”, diz, referindo-se aos líderes políticos que participaram da redação da Constituição, no século 18.

Colheita

Por meio da assessoria de imprensa do instituto de análises Atlantic Council, na capital norte-americana, o ex-secretário adjunto para Política Antiterrorista do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos Thomas S. Warrick afirmou que “essa guerra terá uma frente interna”. “O povo norte-americano, por uma ampla maioria, queria que Trump concentrasse seu

segundo mandato em assuntos internos, sobretudo na economia. Como ele não buscou o apoio do Congresso e do povo antecipadamente, as consequências serão de sua responsabilidade”, diz. O especialista acredita que, se a operação for bem-sucedida, culminando no fim do programa nuclear iraniano, o presidente poderá receber um impulso político. “Mas corre o risco de sofrer um revés significativo em sua agenda interna se fracassar”

Fechamento do Estreito de Ormuz eleva tensão

Além de mísseis e bombas, o regime teocrático islâmico lançou mão de mais uma arma contra o Ocidente: o petróleo. A Guarda Revolucionária Iraniana afirmou que o Estreito de Ormuz — artéria vital para o transporte mundial do combustível e de mercadorias em geral — “não é seguro” e decidiu fechar o acesso. “A Guarda Revolucionária advertiu a várias embarcações sobre o perigo em torno do estreito devido à agressão militar dos Estados Unidos e de Israel, e à resposta do Irã, e que não é seguro passar pelo estreito neste momento”, indicou a agência de notícias iraniana Tasnim. “Com o fechamento da passagem dos barcos e petroleiros pelo Estreito de Ormuz, o estreito permanece fechado.” Um quinto do petróleo mundial passa pelo local.

A Aspides, missão naval da União Europeia no Mar Vermelho, confirmou a informação à agência

de notícias France-Presse (AFP). O tenente-coronel afirmou que os seus navios captaram mensagens de rádio de alta frequência, nas quais a Guarda Revolucionária adverte que “nenhum barco tem permissão para passar pelo Estreito de Ormuz”.

Especialista em geopolítica e risco político do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), Eduardo Galvão explicou ao **Correio** que o Estreito de Ormuz é uma rota internacional muito estratégica. “Um bloqueio efetivo seria interpretado como violação grave do direito do mar e poderia ser tratado politicamente como ato extremamente hostil. Dada a relevância do estreito para o fluxo global de petróleo, a medida teria repercussões econômicas imediatas e poderia desencadear respostas militares e diplomáticas coordenadas”, disse.

De acordo com Galvão, a

resposta mais racional ao fechamento do estreito deve combinar diplomacia de crise, proteção da navegação e dissuasão calibrada. “Nenhum ator europeu deseja uma guerra aberta, mas a segurança energética é um interesse vital. Países do Golfo, como Arábia Saudita e Emirados Árabes, têm infraestrutura estratégica exposta e dependem de estabilidade para seus modelos econômicos. Mesmo relutantes, podem ser arrastados ao conflito”, alertou. “Para o Brasil, uma escalada regional ampla significaria aumento da aversão global a risco, fortalecimento do dólar e possível elevação do prêmio de risco de mercados emergentes. Isso impacta câmbio, fluxo de capital e custo de crédito, variáveis centrais de risco político e econômico.”

Historiador da Universidade de Yale, nos EUA, Arash Azizi disse ao **Correio** que, com a decisão,

o regime iraniano busca ampliar o conflito. “Isso afetará o comércio global, mas provavelmente não conseguirão manter a medida por muito tempo”, avaliou. Vandana Hari, fundadora e CEO da Vanda Insights (fornecedora de macroanálises do mercado global de petróleo), afirmou à reportagem que o estado de guerra, quando o mercado abrir amanhã, determinará a direção do petróleo bruto. “É provável que os preços disparem como uma reação instintiva, seguida de extrema volatilidade enquanto o mercado analisa todas as notícias.”

Hari alerta que, se o Irã tentar fechar a fronteira com drones e mísseis, o preço do petróleo bruto poderá disparar para centenas de dólares. “É provável que o tráfego permaneça quase interrompido, independentemente das ações iranianas, como precaução.” (**Paloma Oliveto e Rodrigo Craveiro**)

Giuseppe Cacace/AFP



Cargueiro é fotografado na costa de Fujairah, no Estreito de Ormuz